

PORQUE RESIGNOU BENTO XVI?

O texto que se segue é uma transcrição (traduzida do inglês) de uma entrevista feita ao Padre Paul Kramer pela estação Fátima TV no dia 6 de Março de 2013 (uma semana antes de o Papa Francisco ter sido eleito), e que foi difundida por toda a Roma em italiano. O Padre Kramer é formado em Teologia e Filosofia, e um Mestrado de Ciências Divinas. É autor de muitos livros, sendo o mais recente *O Mistério da Iniquidade*.

Para maior facilidade de leitura, as perguntas feitas por Peter Dychtiar, entrevistador da estação Fátima TV, vêm a vermelho; e as respostas do Padre Kramer vêm a preto.

P. Na opinião do Senhor Padre, o que estará por detrás da recente resignação do Papa Bento XVI?

R. Bom, o Papa afirmou com toda a clareza que se sentia enfraquecer, que a sua saúde se estava a deteriorar e que ele já não se sentia capaz de governar a Igreja. Esta é a razão principal; e dizem relatórios vindos de outras fontes que a sua saúde está realmente a deteriorar-se – por isso ele pensou que, para o bem da Igreja, ele deveria deixar o trono de Pedro.

P. E pensa que terá havido outras influências que afectaram esta decisão?

R. Eu diria que sim, porque já há quatro anos que o Papa tinha em mente resignar. Ouvi relatos segundo os quais não lhe agradava, efectivamente, ter de estar tão envolvido na administração e no governo. Era-lhe difícil. Há facções diversas dentro da Igreja; e ter de lidar com a oposição é uma coisa que, com a sua idade, Bento XVI estava a achar difícil. Então, ele foi visitar o túmulo do Papa Celestino V no dia 10 de Abril de 2009 e retirou o *pallium*, sinal do seu poder como Bispo de Roma. Tirou-o dos seus ombros e colocou-o sobre o túmulo de São Celestino; e deixou-o ali. O significado deste gesto vem do facto de o Papa Celestino V ter sido um Papa que resignou por sua própria vontade, não tendo sido coagido nem de algum modo pressionado por outrem.

P. Que género de facções poderiam estar envolvidas no processo de o Papa tomar uma decisão como esta? Trata-se, obviamente, de algo que se está a desenrolar de há muito tempo a esta parte.

R. Tenho ouvido falar disto há bastante tempo a pessoas que detêm elevadas posições no Vaticano. Eram Monsenhor Zanoni e Monsenhor Mario Marini, sendo este último o antigo Secretário da Comissão ‘Ecclesia Dei’.

Falavam eles da Maçonaria eclesiástica, o partido maçónico que existe na Santa Sé e que se opõe àqueles que são fiéis ao *Magisterium* e ao ensinamento e disciplina tradicionais da Igreja. Estavam a opor-se aos reformistas, que eram geralmente conhecidos como sendo a ala progressista; mas também aos chamados “conservadores”, incluindo alguns que ocupavam posições de poder.

Esta seria, em primeiro lugar, a força com que o Papa teria de lidar, contra a qual teria de lutar, para poder governar a Igreja de acordo com a sua consciência e com os ensinamentos de Cristo – no próprio lugar onde existe este grupo que está a promover o seu programa maçónico na Igreja. É esse o ponto de conflito.

P. Muitas pessoas não compreendem o que é a Maçonaria. É um clube de negócios? Um clube de cavalheiros?

R. Tem essa aparência, sim. Eles gostam de se apresentar desse modo; mas, por baixo dessa superfície, há um programa que eles já anunciaram há séculos. Desde os anos de 1700 que eles deixaram muito claro que estão a trabalhar no sentido de estabelecer no mundo um único governo mundial, uma única república à escala mundial, e uma única religião que englobe todas as religiões, cristãs e não-cristãs, e as reúna a todas sob uma só estrutura organizativa.

P. Como posso reconhecer um Maçom? Usam alguma insígnia específica? Estão por todo o mundo?

R. Sim, estão por todo o mundo. Às vezes, usam um emblema maçónico ou têm uma insígnia no automóvel; mas na maior parte das vezes, se não querem que os conheçam, não há maneira de os reconhecer. Trocam entre si o seu aperto-de-mão secreto, pelo qual um Maçom se dá a conhecer a outro irmão Maçom.

É como acontecia com os primeiros Cristãos que usavam de um simbolismo críptico – como o peixe na areia – significando por meio de um sinal secreto que eram Cristãos. Os Maçons têm os seus sinais secretos para indicarem uns aos outros que eles são Maçons. Têm um sinal de perigo próprio deles. Se um Maçom estiver num julgamento e precisar, da parte do juiz, de algum auxílio extra que talvez não esteja inteiramente dentro da letra da lei, faz-lhe um sinal maçónico de perigo e, frequentes vezes, livrar-se-á.

P. A cabeça da Igreja é o Próprio Cristo. Se olharmos para a Ordem Maçónica – quem os guia? Quem é que eles seguem?

R. É mesmo esse o ponto fulcral a respeito da Maçonaria. Eles têm patriarcas desconhecidos; têm Conselhos Supremos, mas os nomes dos seus membros não são publicados para os Maçons em níveis inferiores. A partir dos graus mais elevados para os Maçons dos graus mais baixos, são dadas ordens – a que eles devem obedecer. Depois de se atingir um certo grau na Maçonaria, tem de se obedecer sob pena de morte. Sem apelo nem agravo. O que há a fazer é, simplesmente, cumprir as ordens; fazer o que nos foi mandado, ou então sofrer o castigo. Têm ainda de se guardar os segredos maçónicos. Os segredos da Ordem são internos e há uma pena de morte para aqueles que os revelarem.

P. Chamam-lhe, na realidade, Templo Maçónico, não é verdade? Eles vão a algum templo maçónico?

R. É verdade; porque a Maçonaria é uma religião. Embora eles não gostem de o afirmar, eles são uma religião. Se bem me recordo, no documento de Excomunhão da Grande Loja do Uruguai vem estatuído, no decreto oriundo da Loja-Mãe de Inglaterra, que a Maçonaria é uma religião. Ora, a religião da Maçonaria é a religião dos chamados mistérios antigos – que é a religião sistemática dos mistérios pagãos dos tempos antigos – que foram juntados para esta organização moderna a que nós chamamos Maçonaria.

P. Os Shriners são Maçons, não é verdade? Então estamos a falar de Maçons que são palhaços; vão a desfiles; vemo-los a todos os níveis. Em que nível da Maçonaria estarão situados?

R. Eles pertencem a um grau elevado. Por exemplo, têm de ter completado o 6.º grau do rito de York ou o 33.º grau do rito escocês, para serem Shriners. Não quero com isto dizer que este é o grau mais alto da Maçonaria – há graus muito mais elevados do que este; mas isto é o que é geralmente conhecido do público. É o grau mais alto a que os Maçons vulgares podem chegar. Nesse nível, podem qualificar-se como Shriners, mas mesmo que façam palhaçadas em público, a sua religião não é palhaçada nenhuma. Diz-nos S. Paulo e dizem-nos os santos: os deuses dos pagãos são demónios. E os deuses dos Maçons são demónios.

P. Porque é que este grupo quer destruir a Igreja? Qual é o seu motivo?

R. O motivo que têm é o facto de eles servirem o demónio, e eles disseram-no abertamente. No meu livro *O Mistério da Iniquidade*, encontrará o leitor a citação em que eles proclamam que marcharão sob o estandarte de Satanás. Portanto, eles fazem, voluntariamente, o trabalho do demónio. Mas não são todos eles. Como refere um Grão-Mestre, 90% dos Maçons não sabe o que a Maçonaria é, realmente. Esse Grão-Mestre foi citado pelo Padre Adler no seu livro *A Revolução Anti-Cristã da Maçonaria*.

Mas os outros 10% dos Maçons sabem exactamente do que se trata – alcançar posições de poder na Igreja para a subverter e destruir; alcançar posições de poder nos Governos das nações para as subverterem; destruir os Estados soberanos e criar uma república à escala mundial, um Governo mundial e uma religião maçónica mundial que desvia a adoração e a devoção para longe de Deus e entroniza Satanás.

P. Como se infiltraram eles na Igreja? Deve havê-los dentro dos muros do Vaticano.

R. Cultivaram relações com jovens prelados, jovens padres – quando são contratados para trabalhar no Vaticano. Mesmo antes disso, quando vêm jovens destinados a altos cargos na Igreja, começam a cultivar relações com eles. Apresentam-nos a pessoas que sabem manobrá-los; levam-nos a festas e reuniões diplomáticas; dão-lhes dinheiro, para eles terem uma ampla conta bancária; e promovem a sua carreira entre outras individualidades da hierarquia da Igreja sobre quem têm influência. Desta maneira, podem promover a carreira destes homens.

A determinada altura, convidam-nos a entrar para a Maçonaria, onde poderão ir até ao topo e vir a ocupar posições elevadíssimas. Ou então, nessa altura – se esse homem declina a oferta e não se quer tornar Maçom – então, acabou-se o dinheiro e acabaram-se os relacionamentos com pessoas poderosas. E, simplesmente, fazem-nos regredir até àquilo que eles eram inicialmente, quando tinham deixado que essa gente entrasse na sua vida. E a sua carreira nunca mais avançaria senão por um acto de Deus!

P. Portanto, tem sido um movimento longo e consciente, mas como é que um jovem que entrou num seminário para se ordenar não tem consciência da insídia da Maçonaria?

R. Trata-se de sociedades secretas, que não anunciam muito o seu programa. O demónio gosta de agir pela calada, e assim são também os seus seguidores. Pelos anos de 1820, a associação maçónica chamada *Alta Venda* relatou ao seu líder que a sua propaganda junto do clero estava a ser fantasticamente bem sucedida, e estava a plantar as ideias maçónicas no espírito dos jovens clérigos. O seu programa era: “Deixemo-los pensar que estão a marchar sob o estandarte das Chaves de Pedro, quando, de facto, estão a marchar sob o nosso estandarte.”

Em 1917, S. Maximiliano Kolbe viu em Roma, num desfile comemorativo do bicentenário da Maçonaria, uma placa que dizia: “Satanás reinará no Vaticano, e o Papa será seu escravo.” Isto leva-nos de volta à luta que o Papa mantém contra a Maçonaria, que tenta dominar e coagir o Papa e tenta escravizá-lo para que faça das políticas maçónicas as políticas oficiais da Igreja.

P. Obviamente que a infiltração foi feita a alto nível. O Senhor Padre pensa que eles tiveram algum envolvimento no assassinato do Papa João Paulo I em 1978?

R. Homens de cargos bastante altos têm discutido precisamente este ponto. Tal como já antes mencionei, Monsenhor Mario Marini era um amigo íntimo do Cardeal Édouard Gagnon. O Cardeal Gagnon, Monsenhor Marini e eu éramos todos três amigos e conhecíamos-nos bem uns aos outros – e eu ouvi falar de uma conversa que teve lugar três dias antes da morte de João Paulo I. O Cardeal Gagnon (ainda Arcebispo, à época) disse a Monsenhor Marini: “Vão matar este Papa! Ele está a tentar fazer muitas mudanças e quer fazê-las depressa demais.” Três dias mais tarde, Marini chamou à parte o Arcebispo Gagnon, que lhe disse: “Excelência Reverendíssima, lembra-se do que me disse há três dias atrás?” E ele respondeu: “Lembro-me muito bem, e eles fizeram-no!”

Ora, eu fiz muitas pesquisas, não só a partir de livros e artigos, mas também de fontes dentro do Vaticano, que confirmaram o que li em fontes impressas. O cenário que aparece é muito claro na minha mente. Já tinha descoberto que João Paulo I tencionava demitir o Bispo Paul Marcinkus de Presidente do Banco do Vaticano. Nessa época, o Banco do Vaticano estava muito envolvido e ligado ao Banco Ambrosiano de Roberto Calvi, e perderiam o apoio e o acesso a fundos que estavam a receber do Vaticano, se Marcinkus fosse demitido.

Porque Marcinkus se movia muito bem nos círculos maçónicos, suspeitava-se de que ele fosse Maçom e há provas em como ele o era, de facto. Estava próximo de Calvi, e Calvi era membro da Loja Maçónica italiana P2. Calvi era protegido de Michele Sindona, que causou o primeiro escândalo bancário no Vaticano com o colapso do French National Bank de Long Island. Ambos pertenciam à Loja Maçónica P2, de Licio Gelli.

Eles ficaram num estado de pânico, quando o Papa João Paulo I tornou público que o Bispo Paul Marcinkus deixaria esse cargo. Pouco antes da noite em que João Paulo I morreu, teve ele uma discussão acalorada com o Secretário de Estado, o Cardeal Jean Villot, na qual mencionou que Villot ia deixar de ser Secretário de Estado! A família de Villot era, desde há várias gerações, de Maçons, e há muitas provas que sugerem que o próprio Cardeal era Maçom. Villot ia ser afastado; outros suspeitavam de que as ligações maçónicas iam ser removidas, mas o principal era que o Bispo Paul Marcinkus ia ser demitido. Nesta altura, eles ficaram num estado de pânico e tiveram que agir depressa.

P. Portanto ele era uma personalidade-chave, obviamente?

R. Sim. Mas ele também fez saber que João Paulo I queria consagrar a Rússia! Vi a documentação em como João Paulo I tinha, de facto, feito declarações no sentido de que tencionava consagrar a Rússia ao Imaculado Coração de Maria, tal como Nossa Senhora de Fátima tinha pedido. O Papa João Paulo I morreu muito repentinamente – e logo houve rumores de que ele teria um problema cardíaco. Mas ele gozava de uma saúde bastante boa, pelo que não há qualquer verdade nesses rumores.

P. Então a Loja P2 ainda hoje deve existir?

R. Sim. Há a ligação com a morte de Roberto Calvi. Calvi meteu-se em dificuldades quando desapareceram – não me recordo da quantia exacta – 1,4 biliões de dólares ou até mais do que isso! Esse dinheiro desapareceu do Banco Ambrosiano e Calvi estava indiciado. Não queria cair sozinho. Se ia ser o principal arguido, iria arrastar outros com ele. E assim, ameaçou Licio Gelli, o Venerável Mestre da Loja P2 – estamos a falar de uma pessoa que foi condenada por financiar operações terroristas, e que era suspeito de ter estado envolvido na morte do antigo Primeiro Ministro, Aldo Moro. Havia aqui uma ligação. Henry Kissinger ameaçou Aldo Moro, mas ele recusou-se – como Primeiro Ministro – a comprometer o Governo na política de redução populacional e de desindustrialização. Kissinger disse-lhe: “Há-de pagar caro por isto.” Ora, Kissinger era amigo e associado de Licio Gelli. De facto, o próprio Gelli mencionou numa entrevista de 1982 que, quando a sua filha se casou, um dos convidados na recepção do casamento na sua mansão de Arezzo era Henry Kissinger.

Foram as Brigadas Vermelhas que, realmente, trataram de assassinar Aldo Moro; mas apareceram provas nas décadas que se seguiram em como Gelli tinha uma grande influência sobre as Brigadas Vermelhas. Podemos ver aqui uma ligação clara entre Kissinger, Licio Gelli da P2 e Roberto Calvi.

Agora, a ligação com o Papa João Paulo I é a seguinte: Roberto Calvi estava numa situação desesperada. Ele precisava de dinheiro. Precisava de 1,4 biliões de dólares, e tinha de os conseguir depressa, para se livrar de problemas e anular a indicição. Gelli disse-lhe que o Vaticano tinha uns fundos secretos de onde podiam obter o dinheiro de que ele precisava – mas para o conseguir, teria que ir a Londres tratar de certas formalidades.

Claro que essas formalidades, com efeito, se transformaram nos planos para a sua execução quase ritual! Calvi foi encontrado enforcado na Ponte de Blackfriars em Londres. A razão para ele ser morto foi esta: Gelli era um chantagista magistral. Em alturas desesperadas, as pessoas recorrem a medidas desesperadas, e Calvi estava a chantagear o mestre da chantagem. A ameaça era: “Se não me arranjares o dinheiro, eu denuncio o envolvimento da Loja P2 no assassinato do Papa João Paulo I.” Ao fazer esta ameaça ao Venerável Mestre da Loja P2, Licio Gelli, amigo de Henry Kissinger e ainda conhecido de David Rockefeller – Calvi conseguiu sair da sua dívida, mas pagou o favor com a própria vida.

P. Obviamente, o controle do Vaticano pelos Maçons é bastante extremo. Terão eles o controle dos Cardeais Eleitores e da própria eleição?

R. Mais uma vez, depende. O Papa Bento XVI criou vários Cardeais que me agradaram muito. Em termos gerais, os Cardeais do Papa Bento XVI são nitidamente superiores aos que foram nomeados por João Paulo II. O Conclave que elegeu Joseph Ratzinger precisava de ser melhorado – com o auxílio da Graça de Deus – antes do Conclave de 2013.

Mas, quanto ao governo da Igreja, só posso dizer o seguinte – vou fazer-lhe uma citação, para ver como o poder deles estava espalhado no Vaticano. Em 2008, Monsenhor Marini disse-me: “Estamos de mãos atadas!” – e fez este gesto (cruzou os braços pelo pulso, como se os tivesse atados com uma corda); “Estamos de mãos atadas! Não podemos fazer nada, porque os Maçons controlam as posições-chave no Vaticano.” Foi isto em Outubro de 2008; mas, dois meses antes de falecer – ele morreu em Maio de 2009 – Marini disse-me outra vez:

“Estamos sob ocupação maçónica.”

Para uma informação mais aprofundada sobre este assunto, leia-se o livro do Padre Paul Kramer *Mystery of Iniquity*. [Para encomendar.](#)